

A *Biblioteca*, lugar repousante para o frequentador ávido de se deleitar com as leituras de seu agrado em que gasta ócios do seu dia, é uma imagem romântica que não se harmoniza com o que lhe solicitam o investigador e o docente, impelidos pela urgência de uma informação, necessidade de uma pesquisa bibliográfica, procura de uma actualização do saber ou saberes, a obter.

Dir-se-á ser o templo de obrigatória visita, o cofre do capital que busca o poço de águas armazenadas donde extrai coisas novas e velhas. A *Biblioteca* é a alma da Escola onde o espírito palpita e um tesouro se guarda.

Para o mestre universitário entregue ao cultivo das ciências humanas, e em especial as históricas, o seu valor reside no **fundo** que reúne e oferece, fruto do que, século a século, ano a ano, dia a dia, saiu dos prelos, resultante do labor paciente e interessado da comunidade científica, como pertença do património cultural. Para os discentes é a oficina de trabalho em que encontra ao dispor as obras constantes dos elencos bibliográficos fornecidos pelos regentes dos cursos ministrados na instituição.

A abissal distância entre o que é possível possuir e as imediatas, imprevistas e específicas procuras de títulos tornam, porém, a *Biblioteca* paradoxalmente o lugar da surpresa e do desânimo, pois a eufórica alegria pelo encontrado alterna com o frustrante desalento ante o inexistente. Por isso, o seu apetrechamento se deve voltar prioritariamente para o espécime de difícil aquisição, por raro ou esgotado, no âmbito da bibliografia geral e específica, pautada pelos cursos professados e pelas linhas de pesquisa a que os docentes se entregam. E certo que se deve contar, neste aspecto, com a existência dos recheios dos Institutos, estruturas fundamentais da Faculdade, se bem que se acautele a sua indexação no ficheiro da biblioteca principal. Reconhece-se que as bibliografias são infindas, à semelhança

de minas a explorar e a achega preciosa prestada hoje pela informatização permite fazer convergir, no caudal do leito comum, o repositório desses vários afluentes.

A aposta, dada a limitação dos espaços de acondicionamento e as diminutas verbas para a aquisição, exige a criteriosa selecção das proveniências. O domínio dos idiomas tem de conjugar-se com a necessidade de se poder dispor do que paralelamente se vai editando noutros quadrantes culturais que importa conhecer. O que se publica em francês deverá surgir ao lado do que sai em italiano, espanhol e alemão, deixando para o inglês a área anglo-americana e o que de mais válido vai aparecendo em outros países, mercê da função internacional do idioma - veículo ecuménico de comunicação.

As publicações periódicas, por onde se dispersa uma imensa e diversificada colaboração original, reveladora do que se escreve e investiga, conviria merecerem interesse particular. Será um desafio a aceitar, ao menos na preocupação de completar as já existentes, mas sobretudo importaria a indexação e sistematização pormenorizadas dos títulos e assuntos enunciados em seus sumários esquecidos e/ou ignorados.

A política das doações e aquisições de bibliotecas e arquivos de docentes e investigadores, cujos espólios os herdeiros acabam por dispersar, se não mesmo destruir, deveria ser um objectivo a perseguir com oportunidade, a fim de acautelar a incorporação desses fundos especializados, tantas vezes únicos, carreados pelo labor beneditino de uma vida inteira. Recorde-se, ainda, que a acessibilidade da obra não é respondida apenas com a consulta, mas sim, em não poucas circunstâncias, também pelo empréstimo regulamentado, favorecido até ao limite do razoável, e sobretudo com a facilidade da reprodução para estudo

demorado, sempre aliás muito pessoal, por parte de quem dela se serve.

A Biblioteca é, pois, uma **obra colectiva em construção** que apela para, e exige o concurso de tantos - realidade e serviço estimuladores de sugestões e de colaborações empenhadas e desinteressadas.

João Marques